



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

TRANSIÇÃO: RUPTURA, NOVO E CONTINUIDADE

Raura Gomes Galvão de Oliveira

DRE 117064040

Rio de Janeiro

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

TRANSIÇÃO: RUPTURA, NOVO E CONTINUIDADE

Raura Gomes Galvão de Oliveira

DRE 117064040

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Martha Werneck de Vasconcellos

Rio de Janeiro

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

TRANSIÇÃO: RUPTURA, NOVO E CONTINUIDADE

Raura Gomes Galvão de Oliveira

DRE 117064040

A estudante supracitada está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovada em: 13/12/2022

Prof.^a Dra. Martha Werneck de Vasconcellos (orientadora) / BAB EBA UFRJ

Banca:

Prof. Dr. Julio Sekiguchi / BAB EBA UFRJ

Prof. Dr. Pedro Meyer Barreto/ BAB EBA UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

O48t Oliveira, Raura Gomes Galvão de
Transição: ruptura, novo e continuidade / Raura
Gomes Galvão de Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2022.
49 f.

Orientadora: Martha Werneck de Vasconcellos.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. pintura. 2. corpo. 3. transgênero. 4. mulher.
5. abstração. I. Werneck de Vasconcellos, Martha,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Agradecimentos

À minha mãe por todo amor, dedicação, cuidado, carinho e paciência. Ao meu noivo Lucas por todo amor, apoio e ajuda nesta caminhada. À professora Martha por todo conhecimento, auxílio e aceitação da proposta de orientação.

À coordenadora do Museu de Anatomia, Ludmila Ribeiro, por conceder acesso aos cadáveres de estudo para registro fotográfico, elaboração de desenhos de observação e pinturas.

Aos professores e colegas queridos do curso.

Em memória das travestis e transexuais do Brasil

"O humanismo inventou um corpo soberano, branco, heterossexual, saudável, seminal. Um corpo estratificado, pleno de órgãos e de capital, cujas ações são cronometradas e cujos desejos são os efeitos de uma tecnologia necropolítica do prazer."

Paul B. Preciado

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar a produção artística, bem como a poética, desenvolvida ao longo da graduação em Pintura. A presente pesquisa se deu a partir de um projeto de extensão que tinha por objetivo realizar trabalhos artísticos a partir dos cadáveres utilizados para estudo no Museu de Anatomia do Centro de Ciências da Saúde CCS do Instituto de Ciências Biomédicas ICB, UFRJ. A pesquisa foi afetada pela pandemia, e, posteriormente, tornou-se algo pessoal. A temática central é o corpo baseado numa perspectiva trans. Os resultados foram sete pinturas gestuais, elaboradas com bastante cromaticidade e empastamentos, algumas feitas com tinta acrílica, outras em técnica mista sobre tela.

Palavras-chave: pintura; corpo; transgênero; mulher; abstração.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1, 2 e 3	Estudo linear, 2017. Carvão sobre papel, 630 mm x 800 mm.	10
Figura 4	Estudo tonal, 2018. Carvão sobre papel, 630 mm x 800 mm.	11
Figura 5	Revelação Trans, 2019. Óleo sobre tela, 60 x 80 cm.	12
Figura 6	Gozo, 2021. Guache sobre papel, 210 mm x 297 mm.	13
Figura 7	Metamorfose, 2021. Guache sobre papel, 100 mm x 97 mm.	14
Figura 8	O Meio é a Mensagem, 2021. Fotografia de performance, não impressa, feita com uso de filtros de aplicativos.	14
Figura 9	Invasão das Travestis, 1980. Fonte: Estado de São Paulo.	15
Figura 10	Operação Tarântula, 1987. Fonte: Estado de São Paulo.	16
Figura 11	Três estudos para uma crucificação, Francis Bacon, 1909. Óleo sobre tela.	17
Figura 12	Mulher em uma blusa branca, Lucian Freud, 1957. Óleo sobre tela.	18
Figura 13	Passagem, Jenny Saville, 2005. Óleo sobre tela.	18
Figura 14	ARDHANARISHVARA, século VI. Museu do Governo, Rajastão, Índia. Fonte: Representações e Apagamentos de Corpos Trans Femininos nas Artes Visuais até o Século XIX.	22
Figura 15	O Homem Monstro, Henry R. Robinson, 1836. Fonte: Representações e Apagamentos de Corpos Trans Femininos nas Artes Visuais até o Século XIX.	23
Figuras 16 e 17	Fotografia de crânio, 2022. Imagem de referência para pintura.	25
Figura 18	Desenho linear a carvão sobre tela, 2022. Imagem de referência para pintura.	26
Figura 19	Bisnaga de tinta sobre tela, 2022. Imagem de referência para pintura.	26
Figuras 20 e 21	Crânio, 2022. Acrílica e pastel seco e oleoso sobre madeira, 30 x 30 cm.	27
Figuras 22 e 23	Dissecação, 2022. Acrílica e pastel seco e oleoso sobre madeira, 50 x 50 cm.	27
Figuras 24 e 25	Pelve, 2022. Acrílica sobre madeira, 30 x 60 cm.	28
Figuras 26 e 27	Occipital, 2022. Acrílica sobre madeira, 25 x 30 cm.	28
Figuras 28 e 29	Temporal, 2022. Acrílica sobre madeira, 30 x 60 cm.	29
Figuras 30 e 31	Ondulação, 2022. Acrílica sobre madeira, 30 x 60 cm.	29
Figuras 32 e 33	Fragmento, 2022. Acrílica sobre madeira, 60 x 80 cm.	30

SUMÁRIO

Introdução	09
1. Percurso pessoal de trabalho	10
1.1 - Do início à ruptura	10
1.2 - Transição e ressignificação da poética	13
2. Artistas que inspiram meu trabalho	17
2.1 - Francis Bacon	17
2.2 - Lucian Freud	18
2.3 - Jenny Saville	18
3. Mergulho filosófico e histórico	19
3.1 - Sociedade, religião e fabulação em Henri Bergson	20
3.2 - Apagamento de corpos trans femininos nas artes visuais	21
4. Ruptura, novo e continuidade	25
Conclusão	33
Referências bibliográficas	34
APÊNDICE: EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL	35

Introdução

Quando iniciei meus estudos na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ) já tinha um profundo interesse em desenhar e pintar corpos. No entanto, não tinha um objetivo muito claro. Ter frequentado a universidade foi um encontro comigo mesma, com outras poéticas e possibilidades e me permitiu traçar o meu propósito em pintura.

Quero deixar claro, no entanto, que o meu fazer artístico está em constante construção. É nesse processo interminável de transição e mudanças que encontro ideias e inspirações que se materializam como norteadores de minha trajetória. É bem como o artista Angelo Venosa disse: “o que importa não é onde você vai chegar, o barato é esse caminho que você não sabe pra onde é e se vai funcionar.”

Percebi que na vida passamos por diversas transições. Ao nascer, em nossa juventude, na vida adulta e na idade mais avançada. Algumas transições são menos abruptas, acontecem no dia a dia e servem como laços de continuidade na nossa vida diária. Outras, no entanto, são pontos de ruptura e fatalmente provocam grandes mudanças de direção e sentido. Na minha vida, tive que romper anos de existência presa a um corpo que não me pertencia. Esse rompimento abriu espaço para o novo. Na verdade, o “novo” sempre existiu.

Por isso enfatizo nesta obra que ‘transição’ não é uma escolha. Para ser mais clara, a transição de gênero não é uma opção de vida ou um querer, mas sim uma decisão corajosa de encontrar no seu íntimo o caminho para aceitação e liberdade.

O trabalho é voltado para minha vida e experiências pessoais, e simboliza as ideias de ruptura, novo e continuidade, que se apresentam em diferentes contextos. Primeiramente, um rompimento com a pintura figurativa para criação de imagens abstratas, as quais não deixaram de carregar consigo uma espécie de figuração. Por conseguinte, a investigação de rastros deixados por pessoas que vivenciaram a ruptura mais emblemática da vida, a partir da observação e representação de cadáveres do Museu de Anatomia da UFRJ.

1. Percurso Pessoal de Trabalho

1.1 Do início à ruptura

A universidade foi muito importante para construção da minha poética. Na Escola de Belas Artes da UFRJ, disciplinas como Modelo Vivo e Desenho Anatômico foram essenciais para meu processo de criação e desenvolvimento artístico. Na figura do corpo humano, encontrei mais dificuldades que qualquer outro motivo exposto para ser trabalhado em um suporte. Em um primeiro momento, gostava de observar os corpos e simplesmente representá-los, esforçando-me ao máximo para deixá-los o mais naturalistas possível. Desenhava as linhas, curvas do corpo e conferia significativa importância aos espaços negativos e positivos que constituem uma composição. Foram muitos desenhos lineares feitos, mas a maioria destruídos.



Figuras 1, 2 e 3 - Estudo Linear / FONTE: ACERVO PESSOAL (2017)

Esse fazer artístico, acompanhado de intensa dedicação aos estudos, perpassou grande parte da minha graduação. Eu me sentia insegura no desenho e precisei percorrer uma longa jornada para construir a confiança necessária para iniciar as minhas pinturas. Nesse contexto, tomei a decisão

de postergar por 1 ano e meio o ciclo obrigatório do curso para fazer disciplinas de outros cursos da Escola focadas no desenho, tais como Desenho Anatômico e Modelo Vivo. Nesse período me concentrei em pensar o claro escuro do desenho, trabalhando com os valores tonais.



Figura 4 — Estudo Tonal / FONTE: ACERVO PESSOAL (2018)

Foi então que, neste momento, tomei ciência da existência do Museu de Anatomia do CSS - UFRJ. Apresentei-me a coordenadora, Ludmila Ribeiro, e mostrei meus desenhos e pinturas com o intuito de elaborar um projeto individual de extensão a partir da observação das peças existentes no museu. Iniciei o trabalho alguns dias depois, comparecendo pontualmente nas terças e quintas à tarde para elaborar desenhos de observação direta dos cadáveres, bem como fazer registros fotográficos.

Entrar em contato com os cadáveres me fez lembrar que a morte é um grande rompimento da vida. Vi a mim mesma e os meus familiares naqueles corpos que deixaram de respirar, o que me recordou que a morte chega para todos e, neste momento, nu e cru, todos são iguais. Com este contato, uma avalanche de pensamentos que me transtornavam há tempos tornaram-se

mais fortes. Principalmente, sobre me tornar mulher, indo contra a moral e minha religião cristã e contra os ensinamentos de meus pais que, por ignorância ou conservadorismo, sempre impediram que eu me tornasse uma menina. De alguma forma ainda incompreendida, os cadáveres me encorajaram a ser quem realmente sou, de mente e espírito, e a consertar no meu corpo aquilo que não me foi dado por algum erro da natureza.

Pouco tempo depois, decidi me inscrever na disciplina de Sexualidade Humana, a qual é ofertada para os cursos da área da saúde da universidade. Fui em busca de olhar para minhas questões a partir de uma nova perspectiva, buscando entender como a ciência lida hoje com a transexualidade.

Uma ruptura se aproximava. Pessoalmente, não estava bem. Busquei ajuda médica porque não suportava mais viver como homem. Meus sentimentos diários estavam influenciando, sobretudo, minha paleta cromática: estava atraída por tons terrosos e sombrios.



Figura 5 — Revelação Trans /FONTE: ACERVO PESSOAL (2019)

Comecei a me sentir insatisfeita com tudo que produzia. A agonia de não estar sendo quem eu sou começou a ecoar forte sob a minha pintura. Precisava me resgatar, tornar-me mulher. Finalizei a disciplina de Pintura 2 e tomei uma decisão muito difícil: tranquei a faculdade e voltei para o Ceará, com a esperança de encontrar apoio de minha família na transição mais importante de minha vida. Tal como a ruptura da morte, observada nos cadáveres, a interrupção dos meus estudos e da minha produção também consistiu de um rompimento de vida. Precisava romper esse ciclo para que o novo pudesse surgir e assim dar continuidade a minha existência e poética de forma mais harmoniosa.

1.2 Transição e ressignificação da poética

Justamente quando tranquei o curso e fui para casa, veio a pandemia e, após algumas semanas de paralisação, a universidade instaurou as aulas remotas. Por conta disso, consegui retomar o curso e dar continuidade aos meus estudos. Comecei a focar em produzir pinturas que remetem à minha vida pessoal, bem como sonhos e acontecimentos, desejos e medos. Passei a trabalhar com tinta guache e pastéis secos e oleosos sob papel de boa gramatura. Me sentindo mais leve e em harmonia com meu corpo, vi surgir as primeiras mudanças em mim e isso se refletiu na minha paleta cromática, que se tornou mais vibrante e saturada.



Figura 6 — Gozo / FONTE: ACERVO PESSOAL (2021)



Figura 7 — Metamorphose / FONTE: ACERVO PESSOAL (2021)

A cada trabalho produzido me vinham ideias de introduzir meu corpo às obras, seja pintando, desenhando ou performando. Para enriquecer minhas pinturas, busquei em artigos desenvolvidos por autores transgêneros a temática transexualidade. Nesse contexto, a disciplina de Mídia e Pornografia ministrada pela professora Mariah Rafaela também me fez aprender muito e, cada vez mais, se desprender do que a sociedade e religião cristã criou na minha cabeça: a ideia de que sou um erro.



Figura 8 — O Meio é a Mensagem / FONTE: ACERVO PESSOAL (2021)

A performance mostrada na figura 8 faz parte de um dos temas trabalhados na disciplina de Arte Contemporânea ministrada pelo professor Pedro Meyer, o qual foi inspirado no livro “Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem”, de Marshall McLuhan. O autor discute na obra os meios de comunicação como ferramentas para compartilhar informações e disseminar o conhecimento. Diante disso, veio o seguinte questionamento: o que esses meios dizem sobre a temática transexualidade?

A performance fala muito sobre como os meios de comunicação mentem sobre as pessoas, vidas, raças, gênero e manipulam as informações em prol de um ideal popular. Tais meios tiveram o poder de criar conotações bastante negativas para as identidades que se opõem à norma social. As trans começaram a povoar o imaginário social e coletivo como o “outro lado” do ser humano, o lado ruim, de natureza demoníaca. Ainda hoje somos violentadas por conta desses conceitos errôneos.



Figura 9 — Invasão das Travestis / FONTE: ESTADO DE S. PAULO (1980)

Esta imagem que apresento deixa clara a estrutura preconceituosa do discurso que produziu ressonâncias no campo social. O gênero trans passou a ser nomeado como algo perigoso. Nas palavras do próprio noticiário:

Eles se vestem de mulher, tomam conta de vários pontos espalhados pela cidade, são violentos e chegam a matar. No começo, seu estranho comportamento não chegou a causar muitos problemas. Hoje, as notícias sobre assaltos, brigas, escândalos e assassinatos já deixam a cidade com medo." (O Estado de São Paulo, 25 mar. de 1980)

A chamada "operação tarântula" ocorrida na ditadura militar em São Paulo foi um dos trágicos acontecimentos que enfatizam a violência contra as travestis. A operação organizada pela polícia civil "caçava", prendia, torturava e matava travestis como justificativa para o combate à aids. De forma cruel e aterrorizadora, a epidemia da aids foi utilizada como justificativa para a oficialização da violência contra as travestis.



Figura 10 — Operação Tarântula / FONTE: FOLHA DE S. PAULO (1987)

2. Artistas que inspiram meu trabalho

2.1 Francis Bacon

Passei um longo tempo reproduzindo suas pinturas e creio que ele tenha uma pintura muito gestual, o que me encanta e me influencia. Algumas são obscuras, mas outras são bastante carregadas de saturação e uso da cor como elemento fundamental para suas composições.

Gosto muito do tema dele ser voltado para carne e morte, uma expressão da dor.



Figura 11 — Três estudos para uma crucificação / FONTE: FRANCIS BACON (1909)

2.2 Lucian Freud

Um artista de poética muito íntima e particular, pintava a si mesmo, familiares e pessoas próximas. Além do trabalho de representar corpos em posições incômodas, me senti atraída pelas camadas de tinta, sobreposições e tensões que ele criava em suas pinturas. Ele trabalhou as questões tonais, em camadas empastadas de tinta espessas e pesadas e cores que remetem a carnação cadavérica, como se os corpos representados estivessem vivos por algum motivo e prestes a serem devorados pelo tempo.



Figura 12 — Mulher em uma blusa branca / FONTE: LUCIAN FREUD (1957)

2.3 Jenny Saville

Jenny é uma artista que pinta corpos, sobretudo femininos. Uma das imagens mais marcantes pra mim é "Passagem". A artista evidencia nesta obra um corpo trans em uma pose bastante provocadora, onde a travesti encara o público e o desafia com sua presença e identidade. A artista utiliza uma paleta de cores muito interessante, com pinceladas carregadas e expressivas.



Figura 13 — Passagem / FONTE: JENNY SAVILLE (2005)

3. Mergulho filosófico e histórico

3.1 Sociedade, religião e fabulação em Henri Bergson

Durante a graduação desenvolvi, na iniciação científica, trabalho com o tema sociedade, religião e fabulação em Henri Bergson. A pesquisa teve o objetivo de investigar a proposta do pensador acerca da Religião Estática e a vida em Sociedade Natural de acordo com sua obra chamada *As Duas Fontes da Moral e da Religião* (1932). O trabalho assimilava a doutrina moral, religiosa e política na "Sociedade Fechada" e a arte como necessidade vital para dar sentido às doutrinas. Para o autor, "moral, religião e política" são três sistemas dogmáticos que tendem à conservação do indivíduo e da sociedade.

O homem no meio social, exercendo alguma determinada função, não consegue ser como os animais, no sentido de apenas existir e agir por instinto. Ele questiona, se preocupa com a vida e tem dúvidas existenciais, como a preocupação com o tempo, que é limitado e passageiro. Nós estamos destinados ao processo de desaparecimento. O indivíduo, pela coerção ou necessidade, acaba seguindo o caminho já estabelecido (a moral da obrigação e do hábito), que o pressiona e o faz adequar-se às regras e leis como um único caminho, uma verdade a ser seguida. Essas leis naturais são impositivas e deterministas, exercendo uma pressão social sobre o ser humano, de forma a impossibilitá-lo de agir livremente, mas, tão somente, por exigências que visam dar sentido à vida em sociedade e garantir o desenvolvimento da existência, preservação e harmonia do coletivo.

Para que fique assegurada a coesão da sociedade, o capítulo 2 da obra apresenta-nos a Religião Estática - fator da criação da inteligência humana que veio responder e dar sentido às ocorrências da vida. Religião é entendida por Bergson como "fabulação" ou "ficção", que não são "nem percepção, nem memória, nem trabalho lógico de espírito". Ele as nomeia, pois, como "ato que faz surgir" representações fantasmáticas associadas à necessidade de "conservar e de desenvolver a vida intelectual e social". Ele as considera como responsáveis por "prescrever a imoralidade e impor crimes" (BERGSON, p. 95) e que, mesmo assim, "a humanidade não deixa de seguir cada vez mais o absurdo e o erro" (BERGSON, p. 95).

Nas Sociedades Fechadas a dimensão psíquica do ser é constituída com base morais que o desviam de perceber outras possibilidades e sentidos para a vida. A partir disso, o homem passa a ter uma mente que se fecha na construção cultural imposta pela sociedade. A filosofia de Bergson nos possibilita enxergar a realidade de que tudo é fabulação.

Um dos episódios do seriado Black Mirror que assisti recentemente me fez lembrar das palavras de Bergson, mas também da dura realidade vivenciada pelas minorias no Brasil. Em "Engenharia Reversa", é apresentado o conceito do outro. Alguns soldados estão em uma operação para caçar "baratas" - seres que supostamente nasceram com uma doença contagiosa e, portanto, merecem ser eliminados. De forma proposital, o termo 'barata' foi escolhido para remeter a algo nojento e perigoso à sociedade.

As pessoas normais têm um implante na cabeça e uma visão distorcida do real. Eles vêem as pessoas que chamam de 'baratas' como monstros, tal como o poder ideológico que as domina quer que elas as vejam. Esses seres humanos, vistos como baratas, foram obrigados a se isolar da sociedade e viver escondidos, sem condições básicas de higiene e alimentação, entre outras condições precárias. Eles não podem aparecer pois causam terror à sociedade. O poder decidiu que devem ser perseguidos e mortos.

Durante o decorrer da história sangrenta e marcada pela perseguição, as baratas desenvolvem um dispositivo capaz de desativar o implante e fazer as pessoas enxergá-las como realmente são: seres humanos comuns. Entretanto, o grande líder do exército, que inclusive é responsável pelos implantes nas pessoas normais, toma ciência do dispositivo criado pelas baratas e ameaça cegar as pessoas da sociedade caso se envolvam com elas.

O episódio da série me fez pensar que seres humanos de nossa realidade também vêem o outro como inimigo, a partir de ideias estruturais que foram criadas em nossa sociedade e, indiretamente, elevam o normal e exclui aqueles que fogem dos padrões normativos.

Pensando nessa questão relativa à nossa sociedade, pessoas cisgênero são consideradas a norma e pessoas transgêneros fugiriam a ela. É verdade que existem poucos registros de como tal normatividade se afirmou. Mas é certo que sua afirmação veio a partir do conceito do outro, isto é, de segregar aquilo que foge à norma. Por consequência, desencadeou-se um extenso processo

de separação e exclusão. A cisgeneridade precisou distinguir o outro de si para se afirmar dentro de uma normatividade que engloba conceitos como o sagrado, o que é natural, civilizado e etc.

Mas se a afirmação da cisgeneridade veio a partir de seu olhar sobre o diferente, por que não mudar a perspectiva e deixar que a dessemelhança o afirme? Felizmente, transexuais anunciaram aqueles que nos anunciam. Segundo Viviane Vergueiro:

... a cisgeneridade é um conceito composto pelas compreensões socioculturais ocidentais e ocidentalizadas de gênero, tidas como naturais, normais e biológicas, que são, por sua vez, as compreensões que fundamentam as leituras sobre vivências e corpos em termos de gênero. (VERGUEIRO, p. 42)

Família, reprodução e religião são conceitos dinâmicos que sustentam uma 'verdade natural' que faz parte da cisgeneridade. O outro, por sua vez, é algo do mal e que vai contra a natureza. Este último seria então o contrário dos ideais de perfeição, seria o nojento, vergonhoso, o que deve ser evitado. Obviamente, as transexuais também não fazem parte da normatividade cis e, por consequência, lidam com o preconceito, violência, rejeição e falta de oportunidades.

Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Brasil ocupa a primeira colocação no ranking dos países que mais matam travestis e transexuais no mundo. Não obstante, a expectativa de vida de pessoas transexuais no Brasil é de 35 anos, enquanto que para a população brasileira no geral é de 75 anos (ANTRA, 2021).

Devido à baixa escolaridade provocada pelo processo constante de exclusão vivenciado desde muito cedo pelas mulheres trans, muitas são obrigadas a se prostituir para sobreviver. Nesse contexto, dados levantados pela ANTRA (2021) apontam que 90% das travestis e transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda e subsistência.

3.2 Apagamentos de corpos trans femininos nas artes visuais

Desde o início das civilizações, são inúmeras as imagens que retratam corpos trans femininos nas artes visuais. Uma das primeiras representações está no período Neolítico (5.000 a 3.000 a.C) e na Idade do Bronze (3.300 à

7.00 a.C), onde são nítidas figuras humanas "com seios femininos e órgãos genitais masculinos" (Megg Rayara, 2020).

O corpo trans feminino representava divindades em diversas culturas, como na cultura indiana, onde Ardhanarishvara, fusão de Shiva e da esposa Parvati, simbolizava a união entre os dois gêneros. Esta divindade, retratada na arte, mostra que a existência trans é mais antiga do que se pensa, contrariando o pensamento popular.



Figura 14 — ARDHANARISHVARA / FONTE: MUSEU DO GOVERNO, RAJASTÃO, ÍNDIA (SÉCULO VI)

Ainda na cultura indiana, há aproximadamente 5 mil anos, as trans eram consideradas sagradas. Conhecidas como Hijras, viviam em tranquilidade "para expressar sua identidade livremente". Havia uma crença mitológica de que elas poderiam abençoar ou amaldiçoar as pessoas. No entanto, com a chegada dos europeus na Índia, com sua cultura fortemente influenciada pelo cristianismo, a crença e o respeito que se tinha pelas transgêneras se extinguiu quase que por completo.

Acabar com a diversidade religiosa e com as identidades que fugiam da lógica judaico cristã foi um dos processos de dominação impostos pelas sociedades ocidentais. Naturalmente, as pessoas que não se encaixavam nas

denominações europeias eram consideradas menos humanas e, portanto, passíveis de punição.

Vale ressaltar que o olhar lançado sobre as artes visuais também não está isento de um forte protagonismo masculino e eurocêntrico. Foi especificamente o homem branco, europeu, cis e hétero quem decidiu o que deveria ser estudado, conservado, preservado, lembrado e celebrado, criminalizando outras existências consideradas fora da 'normalidade' (Megg Rayara, 2020). Por consequência, a arte se tornou um espaço elitista e segregador.

Muitos dos valores que podemos encontrar ao analisar pinturas, como forma, gestos, paleta cromática, profundidade, equilíbrio, luz e sombra, não puderam ser discutidos em obras realizadas por uma diversidade maior de artistas. As representações das minorias são sempre permeadas por discursos que reforçam hierarquias, preconceitos e estereótipos.

Entre os anos de 1728 a 1826, na Europa, imagens elaboradas por artistas a serviço do governo e Igreja foram criadas para estereotipar e ridicularizar mulheres trans. Um título comum que foi dado para uma dessas imagens foi "o homem monstro", supostamente disfarçado para atacar pessoas inocentes (Megg Rayara, 2020).



Figura 15 — O HOMEM MONSTRO / FONTE: HENRY R. ROBINSON (1836)

A pesquisa de Megg Rayara investiga tanto os fatores pelos quais as trans foram retratadas em culturas orientais, quanto sua posterior exclusão. Das artes que sobraram e que ficaram sob o domínio europeu, muitas foram trancafiadas em salas inacessíveis de museus ou foram expostas como algo digno de ridicularização. De fato, corpos considerados inadequados à lógica da cisgeneridade hétero, branca e cristã, imposta pelo modelo civilizador europeu, deveriam ser ignorados. Caso fossem representados na arte, poderiam servir apenas como confirmação de inferioridade.

4. Ruptura, novo e continuidade

Antes da pandemia, havia trabalhado no Museu de Anatomia a cada dois dias da semana para realizar desenhos de observação, croquis à óleo e fotografias. Com a pandemia, deixei de frequentar o Museu e todo trabalho aconteceu por meio das fotografias. Com o retorno às aulas presenciais, na disciplina de Pintura 5, ministrada pelo professor Dr. Pedro Meyer, foi proposta a elaboração de trabalhos a partir de três palavras: ruptura, continuidade e novo. Encontrei nessas palavras profundas relações com minha vida e poética.

No que diz respeito à minha transição de gênero, foi necessário um grande momento de ruptura para ela advir. Uma experiência que na minha visão foi semelhante à morte. Ao observar os cadáveres, encontrei fortes analogias com o que vivenciei. A pessoa que fui obrigada a ser foi destruída e, nos estilhaços característicos de um corte apressado, encontrei forças para ser quem sempre fui e encontrar minha liberdade. Não conseguiria suportar a dor de estar presa àquela vida por muito tempo. Seria transição ou suicídio.

Nesse contexto, trabalhar com os cadáveres foi a forma mais extema que encontrei para me expressar naquele momento. Eles simbolizam tudo o que deixei para trás. É incrível pensar que os resquícios que deixamos no mundo - sejam obras de arte ou a própria matéria do nosso corpo - podem contribuir de alguma forma para o avanço consciente da humanidade. O uso dos cadáveres para estudos é primordial para o desenvolvimento da área da saúde, mas também desempenha papel fundamental no campo artístico.

Na história da arte, muitos artistas estudaram cadáveres para ilustração científica. Todavia, lancei um olhar diferente a esses corpos, enxergando-os como materiais plásticos e abstratos que se assemelham a paisagens ou naturezas do corpo. As estruturas e formas cadavéricas contribuíram significativamente para minhas composições plásticas. Percebi formas expressivas que interpretei com cores vibrantes, e empastamentos carregados. Nos tons terrosos percebi muita cromaticidade.

Desde que entrei na universidade busquei desenvolver pinturas com cromaticidade exacerbada, cores bem saturadas e também usar o empastamento. O aperfeiçoamento desse gosto particular se deu a partir da observação e representação

das estruturas cadavéricas. Para trabalhar foi necessário distanciar-me da figuração e isso foi obtido recortando as imagens fotográficas e trabalhando com detalhes dessas fotografias. As imagens tornaram-se mais abstratas e propícias ao que desejava fazer. Preferi trabalhar com tinta acrílica por serem menos ofensivas à saúde, mas algumas pinturas receberam pastéis secos e oleosos.

O distanciamento da figuração foi necessário para trabalhar de forma livre e gestual, a fim de transpassar meus movimentos e sentimentos para as telas. As imagens dos cadáveres foram cuidadosamente selecionadas para concordar com os suportes que eu tinha em casa, os quais foram reaproveitados de trabalhos destruídos, o que também tem relação com essa transformação. Durante o processo de pintura, não me cobrei sobre o motivo de ter escolhido determinada cor, simplesmente escolhi e fui observando se fazia sentido. Fiquei satisfeita com os resultados. Também não utilizei pincéis, ou aglutinantes de tinta, espremer a bisnaga de acrílica sobre os suportes e trabalhar com os dedos para fazer fusões com cores, foi mais conveniente.

O processo de criação se deu da seguinte maneira:

1. Fotografia e edição em photoshop, a fim de aproximar minhas referências do que desejava fazer;



Figuras 16 e 17 — Fotografia de crânio / FONTE: ACERVO PESSOAL (2019)

2. Lançamento do desenho linear, feito a carvão, sob fundo branco da tela. A marcação de imagem é muito importante para meu trabalho;



Figura 18 — DESENHO LINEAR FEITO A CARVÃO / FONTE: ACERVO PESSOAL (2022)

3. Criação cromática de camadas carregadas e empastadas, feitas a partir da bisnaga de tinta sobre tela, sem uso de pincel (tinta acrílica);

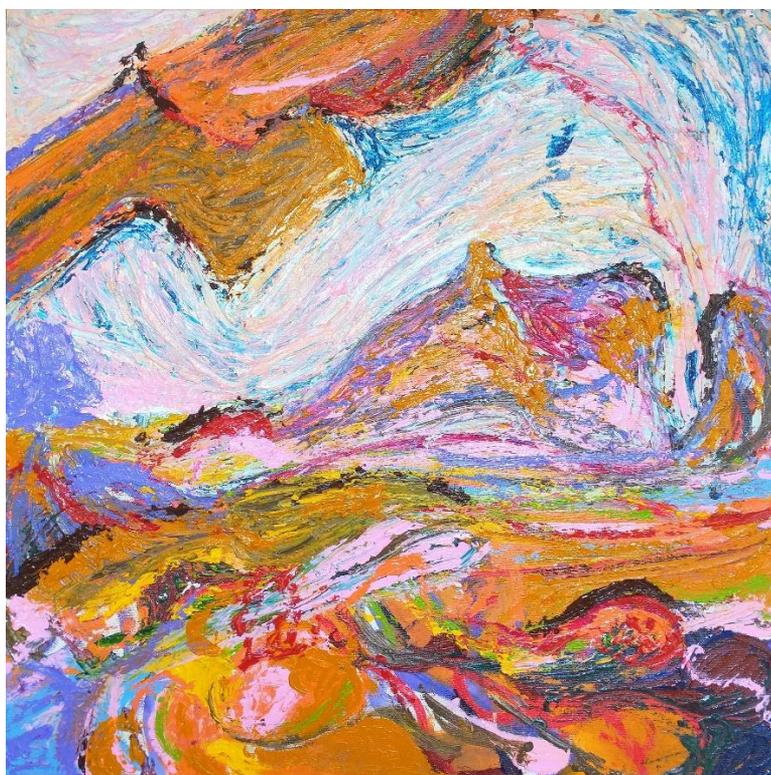


Figura 19 — BISNAGA DE TINTA SOBRE TELA / FONTE: ACERVO PESSOAL (2022)

4. Observação das referências fotográficas e elaboração de oito pinturas livres e gestuais.



Figuras 20 e 21 — Crânio, Raura Galvão, 2022



Figuras 22 e 23 — Dissecação, Raura Galvão, 2022



Figuras 24 e 25 — Pelve, Raura Galvão, 2022



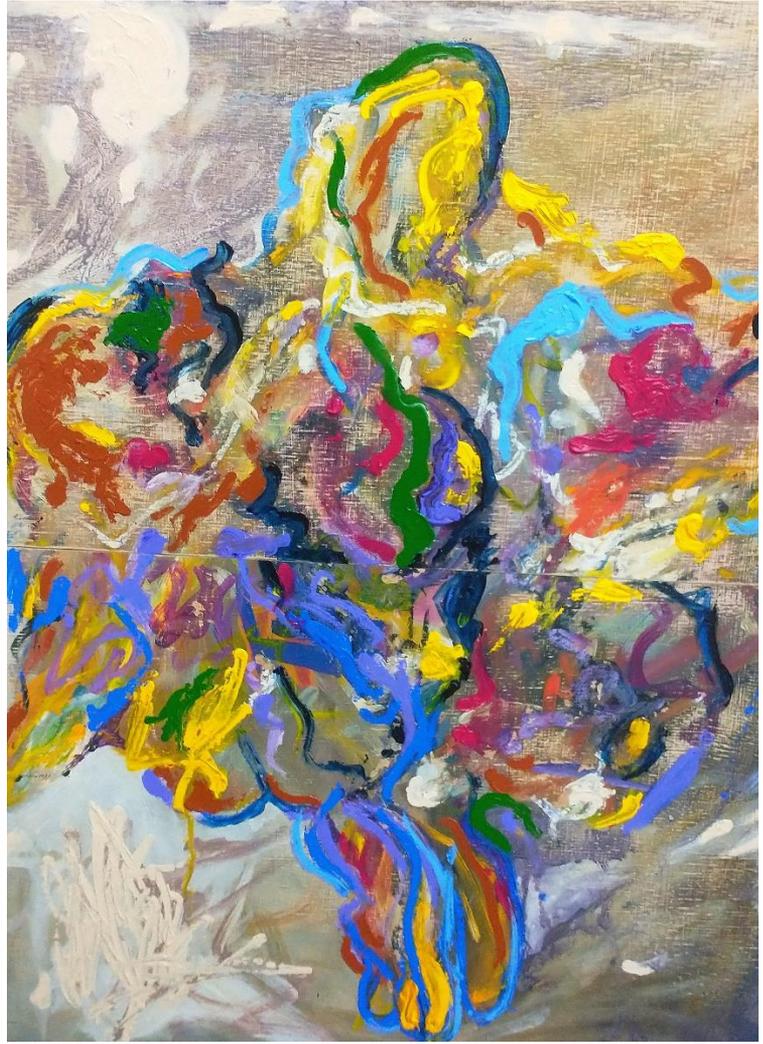
Figuras 26 e 27 — Occipital, Raura Galvão, 2022



Figuras 28 e 29 — Temporal, Raura Galvão, 2022



Figuras 30 e 31 — Ondulação, Raura Galvão, 2022



Figuras 32 e 33 — Fragmento, Raura Galvão, 2022

Conclusão

Este trabalho é um início de uma pesquisa que será aprofundada e amadurecida durante minha vida. Apresentei aqui a temática transexualidade a partir de uma perspectiva diferente dos meios de comunicação massivos e da arte do passado. É surpreendente quando nos deparamos com algo que contrasta e desafia as nossas supostas verdades, fazendo-nos perceber que muitas informações que circulam em nossas vidas não correspondem à realidade e nos mostram de forma bastante clara que a cisgeneridade não é a única possibilidade de existência.

Estou muito satisfeita com minha trajetória acadêmica. Adquiri uma boa bagagem de conhecimento e encontrei um ponto para trabalhar. Também fiquei muito feliz com o resultado pictórico alcançado que me permitiu desenvolver pinturas em camadas, com gestos expressivos, carregadas de empastamento e cor.

Referências bibliográficas

ANTRA BRASIL. **Violência, 2021**. Disponível em:

<<https://antrabrasil.org/category/violencia/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2021.

A VERDADE. **Operação Tarântula: polícia violentou cerca de 300 travestis em São Paulo, 2021**. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2021/03>>. Acesso em: 5 de novembro de 2021.

BERGSON, Louis-Henri. **As Duas Fontes Da Moral E Da Religião**. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 1978.

MEDIUM. **Quem perseguiu as travestis durante a ditadura militar?**, 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@anaflofernandesrodrigues>>. Acesso em: 5 de novembro de 2021.

OLIVEIRA; Megg Rayara Gomes de Oliveira. **De Santa à Perigosa: Representações e Apagamentos de Corpos Trans Femininos nas Artes Visuais até o Século XIX**. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br>>. Acesso em: 01 de novembro de 2022.

WERNECK, Martha e BOSSOLAN, Lício. **Um campo para a criação: o desenvolvimento poético através do diário de pesquisa do pintor em formação**. *Revista Apotheke*. Florianópolis, v. 6 n. 2, p. 14-30, ago. 2020. Disponível em <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18406/11805>. Acesso em: 20 jan. 2021.

VERGUEIRO, Viviane Vergueiro Simakawa. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Salvador. UFBA, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br>>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

APÊNDICE: EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

Título: O que sai de mim – lembranças e vivências

Galeria Macunaíma Virtual, 22 de fevereiro de 2022

galmacunaima Raura Galvão, estudante do curso de Pintura da EBA-UFRJ, apresenta na Macunaíma Virtual suas recentes pinturas intituladas "O Que Sai de Mim - Lembranças e Vivências". Seu trabalho possui caráter autobiográfico, sendo focado em suas dificuldades iniciais para se auto afirmar em nosso meio social na sua condição LGBTQI+, numa busca de maior visibilidade para este contexto humano e de protesto contra as discriminações sofridas ao longo de sua vida. Sua pintura, por outro lado, mostra-se bem humorada e sarcástica, usando cores saturadas, composições movimentadas e faturas "rústicas" para expressar suas convicções pessoais, apresentadas nos dois textos autorais que acompanham a exposição. Desejamos sucesso à artista.

Prof. Dr. Ricardo A. B. Pereira Administrador e Curador da Galeria Macunaíma Coordenador do Curso de Pintura.

Equipe de Extensionistas da Galeria Macunaíma: Claudiane Marcelino, Danielle Farahildes, Fernanda Barbagelata e Clara Gouvêa.

Ver todos os 4 comentários

yng_yo Incrível!!! Raura é puro talento!



anabea.carvalho Parabéns, Raura! Vc arrasa muito!!! 



22 de fevereiro • Ver tradução



"E se a arte fosse travesti?" - Pare e pense sobre esse importantíssimo questionamento da artista Rosa Luz acerca do espaço das travestis nas artes visuais. Você sabia que desde as primeiras civilizações foram diversas as obras de arte feitas por diferentes povos no mundo que retrataram travestis e mulheres transexuais? Sim, antigamente pessoas trans podiam viver e existir e em diversas culturas elas estavam ligadas a religiosidade e a mitologia. Entretanto, a cisgenderidade, sobretudo com a chegada do cristianismo, deu novas significações a essas pessoas, caracterizando-as como seres pecaminosos e "distorções do projeto original de Deus". Devido a isso, muitas obras de arte que retratavam corpos trans foram destruídas ou banidas e apagadas das galerias, museus e da História da Arte até o século XIX.

Foi especificamente o homem branco, europeu, cisgênero e heterossexual que decidiu o que deveria ser estudado, conservado, preservado, lembrado e celebrado, criminalizando outras existências consideradas fora da "normatividade" e fazendo da arte um lugar elitista e segregador, principalmente no que diz respeito à vida das pessoas trans. Oliveira; MEGG RAYRA GOMES DE OLIVEIRA. De Santa à Perigosa: Representações e Apagamentos de Corpos Trans Femininos nas Artes Visuais até o Século XIX. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br>>. Acesso em: 29 de maio de 2021. Com o passar do tempo, ficou ainda mais assegurado esse pensamento preconceituoso. É triste observar, por exemplo, como diversas obras de arte feitas por ilustradores que estavam a serviço dos jornais e do departamento de polícia foram expostas com o intuito de alertar as pessoas sobre os "riscos" de uma travesti para a sociedade e sobre o quão ela é alguém perigosa, ligada ao crime, ao erotismo, a pornografia e as crenças pagãs.

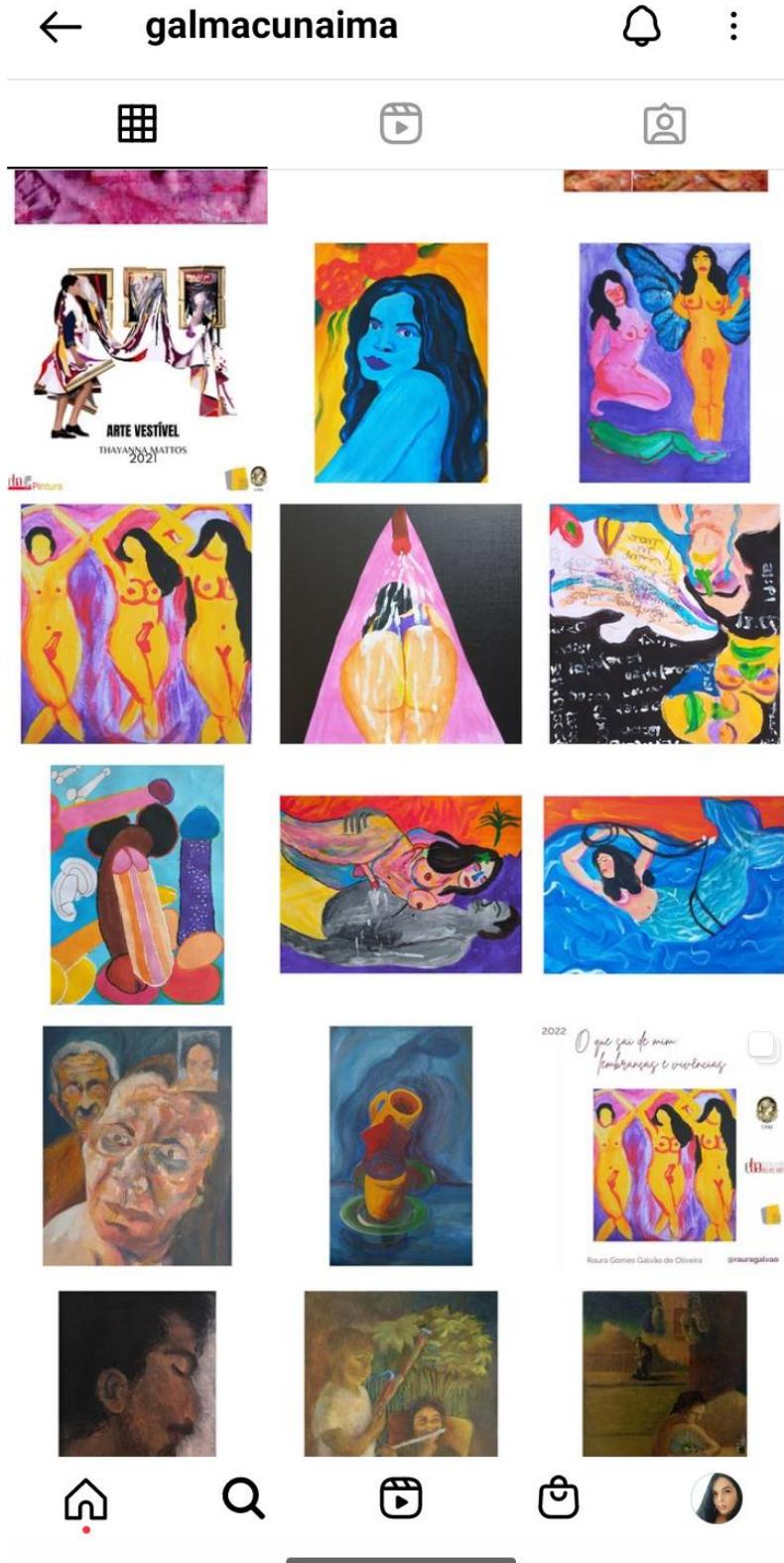
Infelizmente, em pleno século XXI, mulheres transexuais e travestis se encontram na classe mais marginalizada da sociedade. Segundo relatório da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), em 2020, mesmo durante a pandemia do coronavírus, foram registrados 175 assassinatos no Brasil. Vivemos no país que mais mata mulheres trans e onde a expectativa de vida dessa população é de 30 a 35 anos. Dado o exposto, o que se poderia esperar das pessoas que receberam, através dos diversos meios de comunicação e da educação, significados negativos sobre pessoas trans? O que podemos fazer para reverter essa situação? Qual o papel da Arte Contemporânea mediante tais fatos? Por fim, e se na arte houvesse maior participação de travestis, onde elas próprias pudessem falar por si mesmas, será que nossos corpos seriam hoje gratuitamente violentados, assediados e excluídos da vida? Será que 90% de nós ainda estaria na prostituição?



- Sobre mim:

Frida Kahlo afirmou pintar a ela mesma, sua realidade e sua própria vida - o mesmo pretendo eu Raura fazer. Recém nascida, sofri um acidente de carro, mas aquilo não me deixou marcas comparado ao que a vida pôs em meu caminho. Aos 15 anos venci a depressão e pensamentos suicidas pois o convívio em sociedade tornou-se insuportável pra mim: agressão, abusos, ameaças. Na escola, apanhei muito e quando, certa vez, eu me atrevi a perguntar o motivo, diziam que eu era "afeminada", porém "Deus me fez homem" e eu precisava obedecê-lo. Mesmo eu sendo uma criança completamente tímida e desconhecadora de certas verdades do mundo, como comportamento e sexualidade pois apenas estava feliz. Quando eu buscava ajuda na coordenação, diziam que eu era culpada por tudo pois "o demônio vivia em mim". Pensei em buscar ajuda de minha mãe, mas o machismo e o dogmatismo cristão estava também presente em minha casa, foi quando decidi esconder as feridas que faziam em mim usando maquiagem. O tempo difícil finalmente passou para a chegada de novos tempos difíceis no futuro, ao sair do casulo, tendo eliminado a testosterona do meu corpo, com meus longos cabelos pretos e peitinhos desabrochados, perdi oportunidades profissionais, amigos, e etc. Surgiu em minha vida o deboche, a irônia, o ódio das pessoas em nosso país que mais assassina mulheres trans e travestis no mundo ao mesmo tempo em que é o maior consumidor de pornografia envolvendo este gênero. Eu pretendo pintar a minha vida, sem filtros, o que precisa ser falado, discutido, ensinado e elevado pois a História nos excluiu da vida, sobretudo dos espaços artísticos, nos monstrificaram e nos pornificaram, desenvolvendo na mente humana das pessoas o ódio que reina em nossos dias de hoje.

IMAGENS EXIBIDAS NA GALERIA VIRTUAL:





galmacunaima



Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 1- Raura Gomes Galvão de Oliveira - "Natal",
têmpera ovo sobre compensado de madeira - 1,40 cm x 90 cm
- 2017;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



Curtido por **macla.gouvea** e outras pessoas

galmacunaima 2- Raura Gomes Galvão de Oliveira -
"Revelação Trans", óleo sobre tela - 60 cm x 80 cm - 2020;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 3- Raura Gomes Galvão de Oliveira -
"Mergulho", guache sobre papel de gramatura 300 - 210 cm x
297 cm - 2022;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 4- Raura Gomes Galvão de Oliveira "Gozo",
guache sobre papel de gramatura 300 - 210 cm x 297 cm -
2022;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



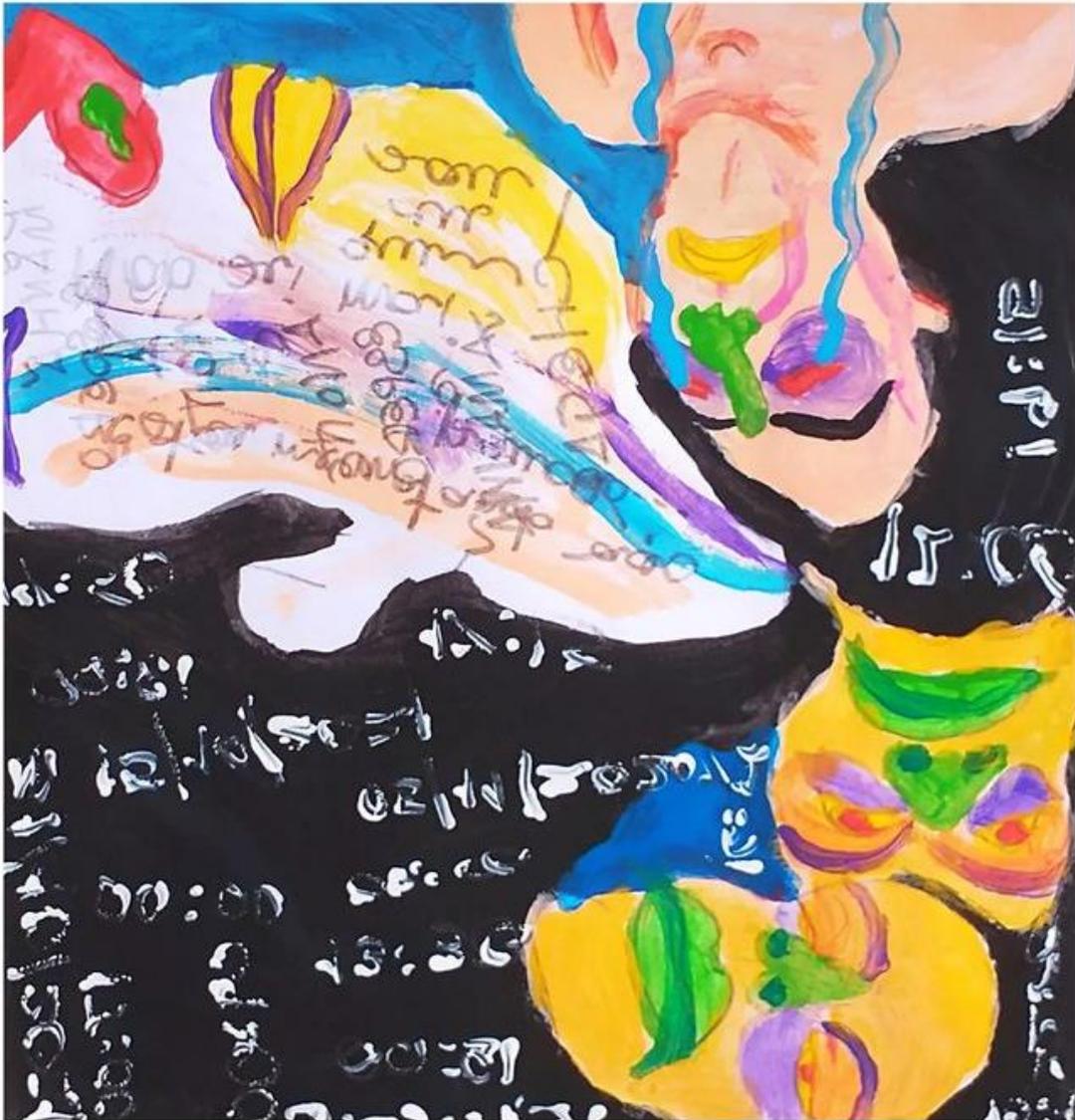
Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 5- Raura Gomes Galvão de Oliveira - "Pirocas",
guache sobre papel de gramatura 300 - 210 cm x 297 cm -
2022;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 6- Raura Gomes Galvão de Oliveira - "A Espera",
guache sobre papel de gramatura 300 - 100 cm x 97 cm - 2022;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 7- Raura Gomes Galvão de Oliveira - "Fetichismo"
guache sobre papel de gramatura 300 - 100 cm x 97 cm - 2022;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



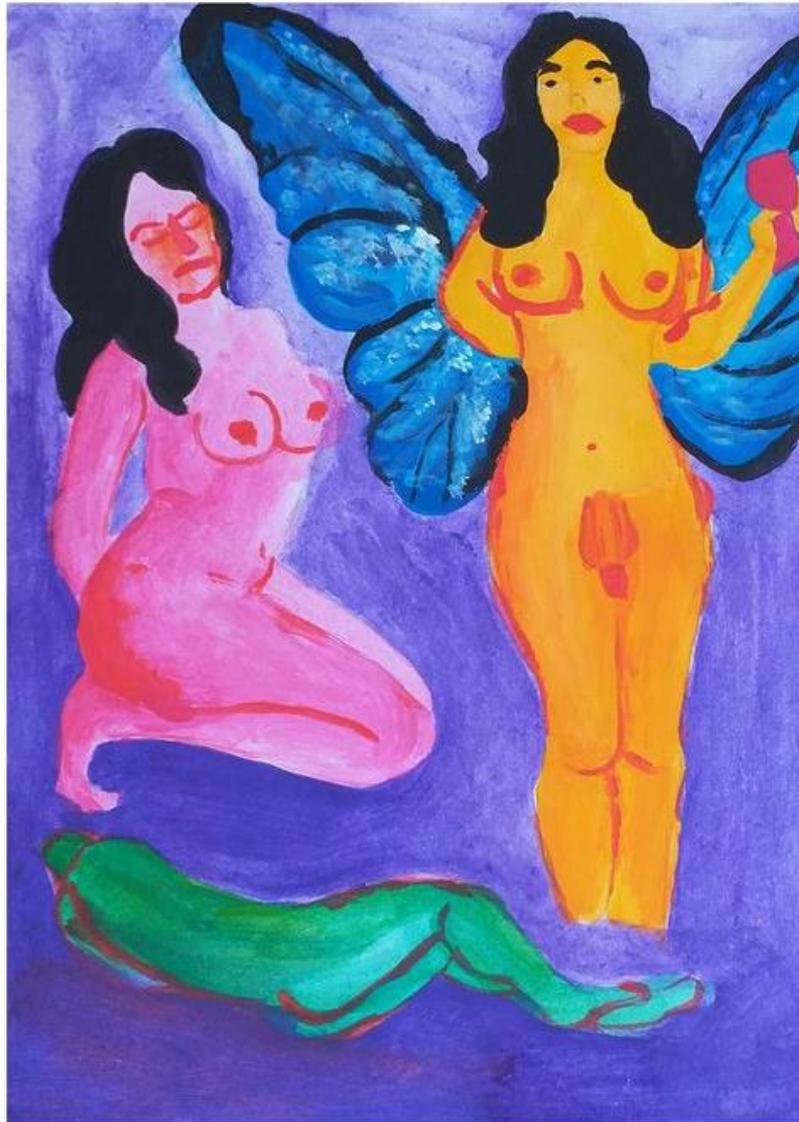
Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 8- Raura Gomes Galvão de Oliveira -
"Metamorfose", guache sobre papel de gramatura 300 - 100
cm x 97 cm - 2022;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 9- Raura Gomes Galvão de Oliveira - "Noite no Casulo", guache sobre papel de gramatura 300 - 210 cm x 297 cm - 2022;

22 de fevereiro • Ver tradução



galmacunaima



Curtido por **taisespelha** e outras pessoas

galmacunaima 10- Raura Gomes Galvão de Oliveira -
"Autorretrato", guache sobre papel de gramatura 300 - 210 cm
x 297 cm - 2022;

22 de fevereiro • Ver tradução